



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

CONSUMO DA LEITURA POR GRUPOS POPULARES: relatos das práticas de leitura de educandos do Pré-Universitário Popular Alternativa¹

Andressa Spencer de Mello²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

Propomos com este trabalho discutir como os educandos do Pré-Universitário Popular Alternativa de Santa Maria, oriundos de grupos populares, atribuem novos sentidos e significados às maneiras de ler diante das culturais digitais. Utiliza-se aqui, como aporte teórico, as ideias propostas pelos autores Benkler (2015), Miller *et al.* (2016) e Jenkins; Green; Ford (2014), com o objetivo de não trazer um olhar determinista com relação a tecnologia. Como resultados, observamos a crescente associação da leitura às mídias digitais. Além disso, é no âmbito das culturas digitais, que os leitores do cursinho utilizam os textos da mídia para se atualizarem ou se entreterem, além de fazerem parte de comunidades de fãs. Nesse sentido, a leitura tradicional aqui se mistura com a leitura mais ampla realizada no âmbito digital para trazer novas possibilidades a serem exploradas, afinal a leitura pode ser vista como uma importante aliada na construção das subjetividades, conforme defende Petit (2008).

Palavras-chave: Consumo; subjetividades; culturas digitais; práticas de leitura; grupos populares.

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de entender a relação dos grupos populares com a leitura, bem como as implicações das culturas digitais nas maneiras de ler, demos início, em maio de 2017, a uma pesquisa exploratória no Pré-Universitário Popular Alternativa em Santa Maria. O estudo teve por objetivo pensar a leitura em seu sentido mais amplo, entendendo que o ato de ler não se referia apenas à leitura tradicional de livros impressos, mas também à leitura no âmbito digital, como textos em *blogs* e redes sociais online. Para isso, no decorrer da pesquisa foram realizados questionários, duas rodas de conversa e duas entrevistas cujos relatos serão descritos ao longo do trabalho.

Aqui, pretendemos discutir como os grupos populares, da cidade de Santa Maria, vêm consumindo a leitura e atribuindo novos sentidos e significados às maneiras de ler diante das culturas digitais, e atribuindo ainda novos sentidos as suas próprias subjetividades, através do relato dos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Subjetividade, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista de produtividade Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa: Consumo e Culturas Digitais do Poscom/UFSM. Email: dessa.spencer@gmail.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

resultados observados durante a pesquisa e do diálogo com autores que nos auxiliam a refletir a respeito das culturas digitais e da leitura como importante aliada na construção das subjetividades. Ponderamos, entretanto, que não pretendemos com este artigo trazer um olhar determinista com relação à tecnologia. Ao contrário, entendemos aqui que cada pessoa diante de seu contexto cultural, social, econômico e político, consome a leitura de formas diferentes, conforme iremos discutir a seguir com base nas ideias propostas por Benkler (2015), Miller *et al.* (2016) e Jenkins, Green, Ford (2014).

A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR NO CONTEXTO

Não há como dissociar o indivíduo de seu contexto. De acordo com Benkler (2015), nenhum de nós existiria fora da cultura, pois “como indivíduos e atores políticos, entendemos o mundo que ocupamos, o avaliamos e atuamos a partir de um conjunto de interpretações e marcos de sentido que compartilhamos com outros”³ (BENKLER, 1999, p.320, tradução nossa). Neste aspecto, diante das culturas digitais, que cada vez mais fazem parte do cotidiano das pessoas, algumas mudanças vêm ocorrendo. Para Benkler (2015), a internet tem oferecido uma inversão radical à tendência centralizadora das mídias tradicionais, se caracterizando como o primeiro meio de comunicação moderno que expande o seu alcance mediante a descentralização do capital que estrutura a produção e distribuição da informação; e a transformação na produção e distribuição de informação vem acarretando algumas mudanças no modo como conhecemos o mundo e habitamos nele, de acordo com o autor. Apesar de produzir estes efeitos, Benkler (2015), também considera que a tecnologia não determina a estrutura social, embora alerte que ainda assim não podemos pensá-la de uma forma irrelevante, pois “a tecnologia cria espaços de viabilidade para as práticas sociais: em condições tecnológicas diferentes, algumas práticas se voltam mais fáceis e baratas de fazer (ou de impedir), e outras mais difíceis e onerosas (BENKLER, 2015, p.66, tradução nossa)⁴”.

De acordo com Benkler (2015), as condições técnicas da comunicação e o processamento de informação estão possibilitando que surjam novas práticas sociais e econômicas da produção

³ Tradução nossa para o trecho: “como indivíduos y actores políticos, entendemos el mundo que ocupamos, lo evaluamos y actuamos en él partir de um conjunto de interpretaciones y marcos de sentido y referencia que compartimos com otros” (BENKLER, 1999, p.320).

⁴ Tradução nossa para o trecho: “a tecnología crea espacios de viabilidad para las prácticas sociales: em condiciones tecnológicas diferentes, algunas prácticas se vuelven más fáciles y baratas de hacer (o de impedir), y otras más difíciles y onerosas (BENKLER, 2015, p.66).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

cognitiva e informativa, não porque a tecnologia determina o rumo da sociedade ou da comunicação, mas porque, “cria um novo conjunto de oportunidades sociopolíticas” (BENKLER, 2015, p.70, tradução nossa)⁵. A concepção de Benkler (2015) vai ao encontro das ideias propostas por Jenkins; Green; Ford; (2014) que nos propõe pensar que o conjunto das práticas sociais e culturais aliadas às inovações tecnológicas constituem o que os autores denominam de “cultura ligada em rede”. Para os autores, o que muda com as ferramentas sociais são a velocidade e a facilidade com que os conteúdos chegam até os usuários e ainda a visibilidade que essa ferramenta proporciona. Nesse sentido, de acordo com Jenkins; Green; Ford; (2014), as mídias digitais facilitam muitas coisas, mas não são as responsáveis pelas mudanças ocorridas em sua totalidade, pois “nessa cultura conectada em rede [...] as pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhem difundir algum texto na mídia” (JENKINS; GREEN; FORD; 2014, p.29).

Jenkins (2009), também propõe a existência de uma cultura da convergência “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p.29). De acordo com o autor, a convergência define as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, mas seria este um processo que ocorre dentro dos cérebros dos consumidores e não por meio de aparelhos. É nesse contexto de convergência midiática que ocorre o que Jenkins (2009) chama de cultura participativa, pois para o autor o consumo se tornou um processo coletivo – através da chamada inteligência participativa (termo proposto por Pierre Lévy). Para Jenkins (2009), “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático” (JENKINS, 2009, p. 30).

Devemos ter cuidado, portanto, para não supor que os meios mais participativos de circulação sejam explicados exclusivamente pelo surgimento da tecnologia, conforme nos alerta os autores Jenkins; Green; Ford; (2014). Ou seja, essa concepção nos propõe pensar que a tecnologia por si só não acarretaria em mudanças sociais, mas talvez represente uma espécie de catalisador⁶ que potencializa e em alguns casos até facilita as mudanças ocorridas na sociedade, pois a

⁵ Tradução nossa para o trecho: “crea el nuevo conjunto de oportunidades sociopolíticas” (BENKLER, 2015, p.70).

⁶ Na química, uma substância catalisadora é aquela que modifica a velocidade de uma reação química. Nos automóveis o catalisador constitui o sistema de escapamento dos veículos com o objetivo de melhorar a queima dos gases de combustão, reduzindo assim a poluição liberada para a atmosfera. Explicações mais aprofundadas podem ser conferidas através do link: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Catalisador>>. Acesso em abril de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

propagabilidade⁷ (conceito proposto por Jenkins; Green; Ford) “reconhece a importância das conexões sociais entre os indivíduos” (JENKINS; GREEN; FORD; 2014). Dessa forma, de acordo com os autores, em nossa cultura conectada as pessoas tomam suas decisões com base em seus contextos sociais e não por que a tecnologia, por si só, lhes impõe alguma mudança.

Miller *et al.* (2016), também traz alguns apontamentos importantes para pensarmos o nosso cotidiano diante das culturas digitais. Através do projeto “*Why we post*”, Miller *et al.* (2016), dedicou-se a compreender como o mundo tem mudado a mídia social (e não ao contrário). Em suas investigações, Miller *et al.* (2016) nos mostra através da pesquisa em diferentes países (cujos contextos são os mais diversos), que a mídia social é o que as pessoas fazem dela; ou seja, as mídias sociais dependem das formas de consumo que lhes são atribuídas. No caso da educação, investigada pelos autores, as mídias sociais tanto poderiam potencializar a educação formal, fazendo com que a educação ganhe novas formas através de aplicativos e mensagens instantâneas, como também poderia fazer com que essas mídias sejam vistas enquanto distração, podendo até mesmo vir a ser proibida nos ambientes educacionais, como ocorre de fato em muitas escolas em nosso contexto brasileiro.

Nos casos observados por Miller *et al.* (2016), percebemos que o contexto era muito mais determinante do que a tecnologia em si. Da mesma forma, aqui, pretendemos pensar o consumo da leitura e sua relação com as culturas digitais. Ou seja, a leitura não foi inventada a partir do surgimento da tecnologia. É claro, que a tecnologia trouxe implicações significativas para o ato de ler, como a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV, que a partir dos tipos móveis tornou possível a reprodução de livros e jornais em uma escala industrial. Porém, essa forma de comunicação faz parte das civilizações desde quando os seres humanos viviam em tribos e deixavam registrados nas cavernas suas pinturas, suas escritas e suas formas de representar o mundo. A tecnologia digital trouxe implicações significativas para a leitura, porém, não devemos ignorar a perspectiva histórica da leitura que historiadores como Chartier (1999) e Fischer (2006), vêm se dedicando a investigar e, assim, entender que o ato de ler também é um ato de consumo e apropriação, que recebe diferentes significados a partir do contexto em que cada leitor se encontra. Nesse sentido, compreender a história da leitura é, antes de tudo, entender as transformações e

⁷ A propagabilidade, de acordo com Jenkins; Green; Ford (2014, p.26) se refere às formas de circulação da mídia e ao potencial técnico e cultural do compartilhamento de conteúdo pelos públicos. Para os autores, uma mídia propagável é uma mídia que se espalha – conceito útil para compreensão da cultura digital.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

evolução de uma prática comunicativa que tem acompanhado as civilizações ao longo de sua existência.

Chartier (1999), historiador e pesquisador da história do livro, traz a evolução do livro passando pelo leitor até chegar ao navegador. De acordo com o autor, existem algumas semelhanças nas maneiras de ler entre o leitor da tela (texto eletrônico) e o leitor da Antiguidade e que as características de um tipo de leitor são herdadas e misturam-se com o da geração anterior. Nesse sentido, o que se transforma de acordo com Chartier (1999), é a revolução que ocorre na estrutura do suporte material do escrito. Para o autor, a leitura é um processo de apropriação, invenção e produção de significados que gera uma liberdade ao leitor, ou seja, é pensar que cada leitor “para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular” (CHARTIER, 1999, p. 91), pois cada leitor, espectador ou ouvinte “produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” (CHARTIER, 1999, p. 19).

Dessa forma, é importante observar que as transformações das maneiras de ler estão atreladas aos contextos históricos e culturais em que estão inseridos, pois para Chartier (1999), o que ocorreu foi uma ruptura da continuidade. Assim, é possível observar que os leitores passam constantemente por um processo de adaptação. Outro aspecto importante da obra de Chartier (1999), são as características que o autor aponta para o texto eletrônico. Segundo o autor, este novo suporte do texto permite usos mais livres e números com relação a qualquer outro suporte antigo dos livros. Chartier (1999), nesse sentido, afirma que hoje um produtor de texto pode ser ao mesmo tempo editor graças à rede eletrônica. Tendência essa que representa uma das características essenciais das redes conforme apontaram os autores Jenkins (2009), Jenkins; Green; Ford (2014) e Benkler (2015).

Além de Chartier (1999), o historiador Fischer (2006) também narra a história da leitura passando dos primórdios das civilizações até chegar ao contexto do século XXI, sempre articulando as maneiras de ler com os contextos históricos em que estão inseridos. Para o autor, o conceito de leitura é amplo e variável, sendo definida como “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos e impressos” (FISCHER, 2006). Porém, conforme pontua, nem sempre esse foi o sentido atribuído à leitura; em período anterior, ler era codificar e extrair informações e mais tarde passou a abarcar significado e interpretação. Segundo Fischer (2006), a leitura é um indicador da nossa humanidade, ou seja, as maneiras de ler são o reflexo de nossa sociedade. Fischer (2006) inicia a trajetória histórica da leitura recuperando o contexto primitivo das pinturas rupestres até chegar na leitura do



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

texto eletrônico. Passando da leitura em voz alta nas sinagogas até a leitura silenciosa que emergiu no contexto dos lares burgueses; da leitura proibida e limitada pela Igreja até a massificação da produção dos livros e disseminação da leitura que traz sentido e significado para os leitores; o autor percorre por uma espécie de linha do tempo da história da leitura para que seja possível compreender as transformações nas maneiras de ler e destaca que “no passado, a comunicação era lenta, imperfeita, restrita e cara. Agora é instantânea, confiável na maioria das vezes, irrestrita e barata” (FISCHER, 2006).

Fischer (2006) reserva ainda um capítulo inteiro para destacar as mudanças ocorridas na leitura no século XXI, além de fazer alguns apontamentos importantes para o futuro próximo da leitura. De acordo com o autor, os leitores que estão por vir, diante das culturas digitais, serão diferentes em muitos aspectos e traz um alento “todos os **leitores marginalizados** – mulheres, homossexuais, negros, exilados e muitos outros – leem exatamente por esse motivo [...]. A leitura permite às pessoas compartilhar a diferença, **lembra que elas não estão sozinhas**” (FISCHER, 2006, grifo nosso). Feitas as considerações iniciais a respeito da importância de situar culturalmente as práticas de consumo, a seguir será brevemente discorrido o que este trabalho pretende levar em consideração com relação ao conceito de consumo.

O PONTENCIAL CRIATIVO DO CONSUMO

De acordo com Miller (2007), o consumo pode ser usado para compreender a nossa humanidade. Para o autor, grande parte dos teóricos que escreveram sobre consumo o fizeram a partir de uma abordagem econômica supondo que este seria um processo sinônimo ao moderno consumo de massa; embora o autor ressalte que a perspectiva maligna do consumo é anterior ao consumo de massa moderno. Este tipo de abordagem entende o consumo como um perigo, de acordo com Miller (2007), e assim, “o consumo de massa tem sido considerado mais como um mal do que como bem” (MILLER, 2007, p.34). Ainda de acordo com o autor, consumir algo está muito atrelado ao consumo material que em nossa sociedade é vista como uma prática superficial, principalmente se a prática vier dos grupos populares. Miller (2007) indica que muitas religiões pregam o repúdio ao mundo material e ao materialismo e, dessa forma, as origens dos estudos modernos acerca do consumo estão dentro de uma moldura essencialmente moral que condena tais atos. Em oposição à ideia de consumo como algo nocivo, Miller (2007) pontua que o consumo também pode ser benéfico à comunidade e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

considera que o ato de consumir não poderia ser simplesmente reduzido ao debate sobre ser benéfico ou não. De acordo com a perspectiva histórica do autor, as pessoas sempre consumiram bens produzidos por elas próprias ou pelos outros e que o consumo é uma atividade.

Nesse sentido, Miller (2007) retoma que a perspectiva moderna a respeito do consumo foi influenciada pelo estruturalismo e pela abordagem semiótica, tendo sido revolucionada pelas obras de Bourdieu e Douglas. Para estes autores, de acordo com Miller (2007), os bens de consumo são pensados como um sistema simbólico, abrindo, portanto, possibilidades para pensar o consumo enquanto formas de ler a própria sociedade. Assim, Miller (2007) destaca que Bourdieu pensava o consumo não apenas como o reflexo de distinções de classe, mas também “como um meio primário pelo qual estas eram expressadas, e assim reproduzidas [...]” (MILLER, 2007, p.44).

Entretanto, foi a partir das pesquisas de Hebdige, que iniciou-se uma perspectiva de estudos de cultura material para a compreensão de uma especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade, segundo Miller (2007). O autor ainda acrescenta que para Hebdige o consumo não se referia apenas a comprar bens, mas também envolvia uma apropriação produtiva e criativa. Indo ao encontro da ideia proposta por Hebdige, a perspectiva teórica de Miller (2007) olha para o potencial produtivo do consumo, entendendo que há muitas maneiras diferentes pelos quais o consumo pode se manifestar enquanto produção de grupos sociais e que uma abordagem da cultura material nos ajuda a ganhar um senso de humanidade mais rico a partir de seu foco sobre o objeto. É seguindo a perspectiva de Miller (2007), que este trabalho pretende entender as práticas de consumo, pensando na experiência cotidiana dos atores sociais, que vai além do aspecto tecnológico, referindo-se ao uso que as pessoas e, neste caso, as classes populares, fazem a respeito da leitura diante das culturas digitais; ou seja, pensamos o consumo como dignidade, enquanto construção de si de suas subjetividades.

Esse trabalho, assim, se enquadra dentro dos estudos a respeito dos processos de consumo, enquanto prática cultural. De acordo com a ideia abordada por Silva (2012), referentes às ideias de Haddon (2003), entendemos também aqui a apropriação como um processo de consumo sendo, portanto, entendida como um processo e não como um evento, pois “[...] envolve a dimensão do simbólico e da experiência vivida, e que portanto, vai além da mera adoção e uso [...]” (SILVA, 2012). Ao investigar o consumo da leitura pelos grupos populares, entende-se que o contexto social, cultural e econômico são fatores fundamentais para entender as particularidades existentes nas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

formas de ler que se distinguem das práticas de leitura das camadas mais altas da sociedade. Por isso, a seguir abordaremos como o consumo da leitura pode auxiliar na construção das subjetividades.

A LEITURA ENQUANTO FOMENTADORA DE SUBJETIVIDADES

A pesquisadora francesa Michèle Petit (2008), ao estudar a relação entre juventude, periferia e leitura, aponta que o ato de ler contribuía para que os jovens moradores de bairros periféricos franceses participassem ativamente da construção de si e da própria identidade, além de gerar novas formas de sociabilidades e, que, a leitura, ainda que de fragmentos de textos, poderia trazer respostas para alguns de seus questionamentos mais profundos, afinal “[...] ler lhes permite descobrir que existe outra coisa, e lhe dá a ideia de que poderá se diferenciar de seu entorno, **participar ativamente de seu destino**” (PETIT, 2013, p.108, grifo nosso).

De acordo com a autora, em algum momento de nossa vida, iremos nos deparar com um texto que faça sentido e que gere em nós uma parcela de esperança. Para Petit (2008), a leitura pode despertar em nós regiões que estavam adormecidas. Os estudos da pesquisadora são importantes para pensar e estabelecer as relações entre leitura e periferia a partir dos relatos trazidos a respeito de como os jovens das periferias francesas se apropriavam das leituras que faziam, além de ser importante para trazer reflexões acerca do difícil contexto vivenciado pelos moradores de bairros periféricos. Indo ao encontro das ideias propostas por Petit (2008), este trabalho entende que a leitura desempenha o papel de auxiliar na construção das subjetividades, além de representar uma abertura para novas sociabilidades e para outros círculos de pertencimento.

Nesse sentido, se a leitura é uma história de encontros, ela também é uma história de refugiados, um local de escape e alternativas. Conforme alerta Petit (2013), não sejamos ingênuos a ponto de pensar que a leitura poderia acabar com a violência e com a discriminação, mas a leitura proporciona alternativas, desvios e fugas. Para Petit (2008), a leitura permite que o leitor olhe mais para dentro de si, descubra e forme sua própria identidade encontrando assim um outro caminho possível. Não significa que ao se tornarem leitores, os moradores das periferias não irão mais se deparar com a discriminação, mas talvez encontrem na leitura a força que precisavam para entender que possuem um papel importante na sociedade e se tornem assim, conforme alenta Petit (2013), mais agentes de seus destinos.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Portanto, como a autora destaca, não esperamos que a leitura seja a solução para as desigualdades existentes em nossa sociedade, mas acreditamos que a leitura tem o poder de gerar reflexões e formar cidadãos mais críticos; ou seja, a leitura traça outros caminhos, outras possibilidades e novos horizontes até mesmo em lugares onde parecia não haver nenhuma alternativa, afinal “[...] o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, [...] que o leitor se constrói” (PETIT, 2013). Feitas as considerações sobre as relações entre leitura e grupos populares, bem como a importância da leitura para a construção das subjetividades, será relatado a seguir o percurso da pesquisa exploratória.

INDO À CAMPO: RELATOS DO PERCURSO EXPLORATÓRIO

Uma pesquisa exploratória se faz necessária para que o pesquisador inicie um estudo preliminar acerca do campo escolhido e que de acordo com Jacks *et al.* (2014) fornece subsídios para entender aspectos que não são conhecidos do objeto empírico, além de servir “como uma baliza para indicar outras questões que deverão ser exploradas na próxima fase da pesquisa” (JACKS *et al.*, 2014, p.16). Esse primeiro momento de ida a campo foi importante para que conhecêssemos os educandos e educadores do cursinho Alternativa.

O Pré-Universitário Popular Alternativa foi criado no ano de 2000 estando hoje vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A iniciativa surgiu a partir de universitários ligados ao movimento estudantil, sendo atualmente liderado por graduandos e pós-graduandos de diversos cursos da universidade, tendo por objetivo a democratização do acesso ao ensino superior, auxiliando jovens e adultos, oriundos das periferias urbanas da cidade de Santa Maria, por meio de aulas preparatórias pautadas pela educação popular, a se prepararem para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O cursinho recebe cerca de 150 educandos por ano, que são divididos entre quatro turmas, dentre os quais as idades variam entre 16 a 40 anos. Dessa forma, esse trabalho se refere ao consumo da leitura pelos educandos do cursinho Alternativa diante das culturas digitais, bem como a importância da leitura para a construção das subjetividades dos educandos e educandas do pré-universitário.

Iniciamos assim o estudo com a aplicação de questionários, cujo objetivo foi fornecer pistas acerca dos contextos em que os educandos estavam inseridos, além de ter sido importante para



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mapear as práticas de leitura recorrentes entre os alunos. As questões relativas ao questionário foram pensadas e negociadas junto aos coordenadores do cursinho, que se fizeram presentes nas três etapas do percurso exploratório. Ao todo foram aplicados 95 questionários com dezessete questões semiabertas, durante três diferentes dias nas quatro turmas do pré-universitário. Com o levantamento e tabulação dos dados, referentes às respostas obtidas com os questionários, observamos a crescente associação da leitura às mídias digitais além de ter sido possível observar entre os educandos aqueles que não apenas leem, mas também produzem conteúdos a respeito de suas leituras em sites de redes sociais como *Facebook* e *Tumblr* ou ainda em *Fanfictions*⁸. A tendência observada reflete o que Benkler (2015) pontuou. De acordo com o autor, a internet oferece hoje uma possibilidade de inversão radical à lógica da economia da informação industrial que imperou com a indústria fonográfica e *Hollywood* durante o século XX, pois constitui o primeiro meio de comunicação que expande o seu alcance mediante a descentralização da produção e distribuição da informação, cultura e conhecimento. Além disso, com a aplicação dos questionários, observamos que do total de 95 respondentes, 75 deles, afirmaram ter em suas casas acesso a dispositivos como *smartphones* e *notebooks*, além de possuírem acesso à internet em casa (73 respondentes) e no celular através dos dados móveis (67 respondentes). Os educandos também costumam ler postagens no *Facebook* e notícias em grande parte através do celular (79 respondentes) ou através do computador pessoal (53 respondentes).

Após a etapa de aplicação e tabulação dos dados obtidos com os questionários, realizamos duas rodas de conversa, cujo objetivo foi promover o debate entre os educandos a respeito de temas como práticas de leitura, os diferentes tipos de leitores e leituras e ainda as principais motivações para o ato de ler. As rodas de conversa foram realizadas em dois dias com a integração das quatro turmas; assim, os relatos aqui descritos fazem parte da fala literal dos participantes da pesquisa. Observamos, dessa forma, que há entre os educandos aqueles que além de apreciarem a leitura tradicional do livro impresso, também gostam da leitura no âmbito digital, apesar das ressalvas, conforme relatou uma das educandas:

Eu gosto de ler livro na mão, mas eu também leio livro em PDF. Eu tenho aplicativos que tem livros inteiros, daí às vezes é bom de ler no ônibus, tá ligado, porque nem sempre dá tempo de ler os livros, daí sei lá... eu tô sem bateria e eu fico lendo ali, é rápido e é bom também. Só

⁸ Fanfictions são textos produzidos por fãs de sagas, séries, livros, filmes, animes etc.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

não é uma leitura que tu vai ficar horas lendo. Que nem a colega falou... cansa! (Relato de uma educanda do cursinho Alternativa durante a roda de conversa).

Essa etapa, portanto, foi importante para propiciar maior aproximação com aqueles educandos e leitores que tinham interesse em participar da outra etapa da pesquisa (as entrevistas), além de provocar algumas inquietações como o fato de que alguns educandos que não gostam de ler atribuírem esse fato à escola tradicional e às leituras obrigatórias impostas nos ambientes educacionais, conforme apontado por uma educanda:

eu acho que essa de não gostar de leitura está muito ligado à escola tradicional. Tipo, tu vai para o cantinho da leitura e o teu castigo é ir lá, pensar ou pegar algo para ler. Acho que é muito ligado a isso, tu vai lá e tem que ficar lendo um livro em silêncio” (Relato de uma educanda do cursinho Alternativa durante a roda de conversa).

A fala dos educandos, neste aspecto, vai ao encontro das observações de campo no Brasil descritas por Miller *et al.* (2016), em que os pesquisadores observaram que os professores tinham a tendência de ver as mídias digitais como a “internet ruim” – causando efeitos de distração nos alunos, tendo um impacto negativo e prejudicial aos estudos; fato também observado nas falas dos educandos quando estes afirmam que para a escola o local da sala de aula não é o local do celular e que a leitura ou estudo é sempre associada ao momento do silêncio e não da distração, fato que seria atribuído à navegação nas redes sociais online ou no momento da escuta de músicas. Ainda de acordo com o relato dos educandos, a leitura deveria ser algo leve e fluído em que os professores deveriam propor a liberdade de escolha aos alunos com relação as suas próprias leituras; aquelas cujos assuntos mais interessariam aos estudantes sem a obrigação de terem apenas que ler os livros obrigatórios para os exames nacionais ou provas escolares. Embora essa obrigação pareça perturbar a maioria dos educandos em suas falas durante as rodas de conversa, observamos que eles também reconhecem a importância da leitura de clássicos como “Grande Sertão: Veredas” e “O Tempo e o Vento”, para o conhecimento da cultura brasileira e a cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Além disso, as principais motivações para o ato de ler recorrentes entre os educandos e educandas do cursinho, se referiam ao fato de adquirirem conhecimento e informações, sendo útil também para o entretenimento. É no âmbito das culturas digitais, que os leitores utilizam os textos da mídia ora para se atualizarem (conforme mencionado por 52 respondentes dos questionários), ora



COMUNICON 2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

para se entreterem e fazerem parte de comunidades de fãs como os *Potterheads*⁹. Além, ainda, de utilizarem as redes sociais online para seguirem os seus escritores favoritos e produzirem seus próprios textos (como *fanfictions*, poesias, textos para páginas em redes sociais online, *blogs* e resenhas de séries e filmes). Essa observação de acordo com Jenkins; Green; Ford; (2014), mostra uma “evidência forte de que o público tem acesso a uma variedade muito mais diversificada de textos da mídia na era digital o que jamais teve antes” (JENKINS, 2014, p. 293).

Por fim, realizamos duas entrevistas, às quais denominamos de entrevistas-piloto. As entrevistas foram realizadas com duas educandas e leitoras, ambas moradoras de bairros periféricos da cidade de Santa Maria, inseridas em contextos diferentes; cujas histórias traremos o relato na sequência. Através da realização de perguntas semiestruturadas, observamos que as leitoras, em geral, possuem muitas histórias para contar, seja uma história de como a leitura passou a fazer parte de sua vida, ou simplesmente por que o ato de ler trouxe novos sentidos as suas histórias. Nessa etapa, conhecemos parte da história da educanda a quem chamamos de Bianca, para preservar sua identidade, que lê para adquirir conhecimento. A leitora de 18 anos sente-se menosprezada perante a família que desaprova sua opção sexual; Bianca, dessa forma, sente que ao ler adquire mais conhecimento, não só do mundo, mas também de si, conforme relatou: “*para mim leitura é autoconhecimento. Me abriu novas possibilidades de conhecimento do mundo. A leitura para mim é empoderadora*”. (Relato da educanda Bianca durante a entrevista). A trajetória da leitura para Bianca iniciou aos 13 anos. De acordo com a educanda, ela não possuía muitos amigos e então ia para a biblioteca de sua escola procurar na leitura uma espécie passatempo. Dessa forma, além de ler para adquirir conhecimento, Bianca também lia para se entreter, pois

desde muito nova assim [ler] é uma forma de entretenimento. Quando eu era mais nova e lia era pra me entreter, passar tempo [...] tipo se eu sento para ler e passo horas é uma coisa que me deixa mais satisfeita do que assistir uma série [...] eu tava sempre dentro do ônibus lendo um livro e como eu moro meio longe eu ficava horas dentro do ônibus lendo. (Relato da educanda Bianca durante a entrevista).

Com relação às plataformas digitais, Bianca afirmou usar o *Skoob*¹⁰ pois lá a leitora descobre vários livros além de servir como um espaço de organização. Além disso, Bianca também possui um

⁹ Nome dado aos fãs das sagas dos livros Harry Potter da escritora britânica J.K. Rowling.

¹⁰ *Skoob* é a rede social dos leitores em que é possível montar uma espécie de estante virtual adicionando os livros lidos, desejados, emprestados etc.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

*blog no Tumblr*¹¹ onde relatou descobrir novos autores e novos textos que nem todos conhecem e foi buscando caminhos alternativos para se expressar e representar o mundo no qual faz parte, que Bianca relatou produzir poesias marginalizadas, retratos da realidade por ela vivenciada, em seu *blog*:

Eu uso bastante a internet. Eu gosto bastante. Tipo até porque eu escrevo, eu tenho meu Tumblr. Eu tenho o meu blog, então eu sempre fui muito da internet. (Relato da educanda e leitora Bianca).

A segunda entrevista-piloto foi realizada com a leitora Ana, de 18 anos, que quando criança se viu diante uma situação dramática. Aos sete anos descobriu uma insuficiência renal crônica e, por isso, teria que passar por um transplante. Nove anos após o transplante, Ana descobriu que o rim que havia recebido sofreu um processo de rejeição, sendo necessário mais uma vez entrar para a temida fila do transplante de órgãos. Aos dezessete anos conseguiu um doador compatível e passou mais uma vez pela cirurgia. Foi durante sua estadia no Hospital da Criança Santo Antônio em Porto Alegre, onde realizou todo o seu tratamento, que Ana passava o tempo e o doloroso processo de diálise lendo conforme relatou:

Eu lia porque eles incentivavam, tinha um projeto no hospital. [...] eles [voluntários] levavam livros e diziam 'tu quer ficar com esse tal livro? [...] A leitura se tornou um passatempo. Qualquer coisa que tu faça fora do contexto de hospital que é só remédio vira um passatempo, pra esquecer um pouco da realidade. (Relato da educanda e leitora Ana).

Para Ana, os livros que marcaram a sua vida foram *A Cabana* e a *Saga Fallen*. Com a leitura da saga, a leitora virou fã da escritora e passou a segui-la nas redes sociais online e a lhe mandar mensagens (via *directs* no *Instagram*)¹², demonstrando a proximidade possibilitada pelas plataformas digitais entre autores e leitores. Essa tendência reflete aos apontamentos de Miller *et al.* (2016) com relação ao conceito de *sociabilidade escalonável*¹³, que de acordo com o autor se refere a uma previsão de como as novas plataformas irão colonizar outros espaços ao longo das escalas do tempo e espaço, possibilitando a simultaneidade da comunicação e a morte da distância física. Já com a leitura

¹¹ *Tumblr* é uma plataforma de blogs que funciona como um espaço para os blogueiros compartilharem seus textos, vídeos, imagens, músicas e *gifs*.

¹² O *Instagram Direct* é um serviço de mensagens em que o usuário pode compartilhar fotos e vídeos de maneira privada com amigos e grupos na plataforma online.

¹³ Tradução nossa para o termo proposto por Miller (*et al* 2016, p. 231): *scalable sociality*.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

do livro *A Cabana*, Ana relatou sentir uma ligação mais profunda devido a sua religião, conforme destacou:

eu choro lendo aquele livro, eu sinto uma emoção tão grande sabe porque eu mesmo sou super fã de Deus e parece que é tudo muito lindo, [...] como ele [o autor] conta na história o sentimento do próprio pai ao perder a filha sabe, eu vejo isso muito na visão de pais, então eu acho tão bonito. (Relato da educanda e leitora Ana).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os relatos percorridos no trabalho, observamos que o consumo da tecnologia tem sido um aliado importante para a possibilidade de abertura para outros tipos de leitura. É através da internet e das plataformas digitais que os leitores do cursinho Alternativa, afirmaram adquirir, em suas leituras mais conhecimento, atualização, além de representar também uma forma de entretenimento. Além disso, também observamos entre os educandos, aqueles que seguem seus autores favoritos nas mídias sociais ou participam de comunidades de fãs, e ainda aqueles que além de consumirem conteúdos produzidos por terceiros, também produzem os próprios textos através de *blogs* no *Tumblr* ou das *fanfictions*. Apesar da grande maioria dos educandos ter relatado que lê através do celular ou computador pessoal, também observamos que os leitores ainda apreciam a leitura tradicional, que aqui se mistura com a leitura mais ampla realizada no âmbito digital para trazer novas possibilidades a serem exploradas. Observamos ainda que os *smartphones* e computadores pessoais fazem parte do dia-a-dia dos educandos pertencentes aos grupos populares da cidade, representando assim a tendência observada por Miller *et al.* (2016) de um impacto mais profundo das mídias sociais sobre as populações que eram mais restritas (como os grupos populares), gerando uma maior emancipação para as populações marginalizadas, de acordo com o autor. Diante disso, Miller *et al.* (2016) destaca que o cotidiano dos grupos sociais é quase sempre reproduzido e representado nas mídias sociais, pois “a mídia social representa a mudança do lugar onde as coisas acontecem ao invés de uma mudança do que está acontecendo” (MILLER *et al.*, 2016, p. 211, tradução nossa)¹⁴.

Nesse sentido, é importante destacar que cada leitor consome e atribui à leitura um sentido e um significado diferente. Para alguns a leitura representa o estar no mundo (fazer parte de uma

¹⁴ Tradução nossa para o trecho: “[...] social media represents a change in the place where things happen rather than a change in what is happening” (MILLER *et al.*, 2014, p.211).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

comunidade que gosta das mesmas leituras, por exemplo), para outros a leitura representa um escape, uma fuga para lugares distantes de suas realidades difíceis, e para outros ainda a leitura é uma forma de representação e autoafirmação. Assim, concordamos com Miller *et al.* (2016), que em seu projeto (assim como em nosso estudo exploratório), reconheceu que a mídia social expande as nossas capacidades, mas que ainda assim, não muda a nossa humanidade essencial. Afinal, toda a mídia sempre foi social e as plataformas digitais, de acordo com Miller *et al.* (2016), não são apenas instalações técnicas; representam também um relacionamento, ou de acordo com o autor uma espécie de amigo potencializando o que temos de mais humano: nossa capacidade de nos relacionarmos com o outro e de representarmos o mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BENKLER, Yochai. **La riqueza de las redes**: cómo la producción social transforma los mercados y la libertad. Barcelona: Icaria editorial, 2015.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun. São Paulo: editora UNESP, 1999.

FISCHER, Steven R. **História da Leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

JACKS, Nilda. et AL. Jovem e consumo midiático: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória. In: **XXIII Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Ed. Aleph, 2014.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, 2007, v. 13, n. 28, p. 33 – 63. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a03v1328.pdf>>. Acesso em abril. 2018.

MILLER, Daniel *et al.* **How the world changed social media**. London: UCL Press, 2016.

PETIT, Michèle Petit. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Sandra Rubia. ‘Com o celular é 24 horas no ar’: sobre relações de gênero e apropriação de tecnologias móveis em camadas populares. In **Texto (UFRGS. Online)**, v. 2, p. 116-130, 2012.